

# BI

BOLETIM

INFORMATIVO

206

1º trimestre 2018



ANIVERSÁRIO

25 e 26 Maio de 2018

ASSP VIAGENS

Viaje com a ASSP

Delegações

"Com(s)Ciência:  
O percurso da matéria à vida"

Miguel Castanho

Direcção  
Nacional



## Nesta edição

<i>Editorial</i>	3
<i>Delegações</i>	4
<i>Artigo</i>	9
<i>"Com(s)Ciência: O percurso da matéria à vida"</i> Miguel Castanho	
<i>Delegações</i>	10
<i>Artigo</i>	12
<i>"ASSP na iniciativa "Melhor Escola" do Jornal O Gaiense"</i>	
<i>37º Aniversário ASSP</i>	13
<i>Delegações</i>	14
<i>ASSP Viagens</i>	19
<i>Delegações</i>	20
<i>Direcção Nacional</i>	23

## Residências Sênior (ERI) Casas dos Professores



Aveiro

Rua Nova, 50, Santiago-Glória  
3810-370 Aveiro  
Tel. 234 373 230



Carcavelos

Rua Pedro Álvares Cabral, 150  
2775-615 Carcavelos  
Tel. 214 584 400



Porto

Est. Interior da Circunvalação,  
3201 - 4350-111 Porto  
Tel. 225 106 270



Setúbal

Avenida António Sérgio, 1  
2910-404 Setúbal  
Tel. 265 719 850

## Delegações

### AÇORES

Praça da Autonomia Constitucional, 7, Paim  
9500-787 Ponta Delgada  
Tel./Fax 296 286 034  
d.acores@assp.pt

### ALGARVE

Rua Engº Aboim Sande Lemos, 14, R/C  
8000-544 Faro  
Tel./Fax 289 824 822 | d.algarve@assp.pt  
*Casa em Pechão*  
Tel. 289 723 744

### AVEIRO

Rua Nova, 50, Santiago-Glória  
3810-370 Aveiro  
Tel. 234 373 230 | Fax 234 348 446  
Tlm. 963 767 425  
d.aveiro@assp.pt

### BEJA

Rua Infante D. Henrique,  
Edif. Escola Primária N.º 4  
7800-318 Beja  
Tel. 284 087 018 | Tlm. 960 195 118  
969 172 537  
d.beja@assp.pt

### COIMBRA

Travessa dos Combatentes da Grande Guerra, 3  
3030-181 Coimbra  
Tel./Fax 239 483 952  
d.coimbra@assp.pt

### ÉVORA

Rua Chafariz D'El Rei, 31  
7005-323 Évora  
Tel./Fax 266 709 477 | Tlm. 967 804 246  
d.evora@assp.pt

### GUIMARÃES

Rua Alto da Bandeira, 23  
4835-014 Creixomil  
Tel. 253 512 369 | 253 103 466  
Tlm. 967 532 787  
d.guimaraes@assp.pt

### LEIRIA

Av. Combatentes Grande Guerra, 65, 1º Esq.  
2400-123 Leiria  
Tel./Fax 244 813 492 | Tlm. 966 260 077  
d.leiria@assp.pt

### LISBOA

Rua D. Dinis, 4, I 1250-077 Lisboa  
Tel. 213 700 330 | Fax 213 700 338  
d.lisboa@assp.pt

### MADEIRA

Rampa do Forte, 2 - Santa Maria Maior  
9060-122 Funchal  
Tel. 291 229 963 | Fax 291 282 546  
d.madeira@assp.pt

### PORTALEGRE

Rua Capitão José Cândido Martinó, 1  
7300-295 Portalegre  
Tel./Fax 245 331 612  
d.portalegre@assp.pt

### PORTO - NOVAS INSTALAÇÕES

Praça General Humberto Delgado, nº 267,  
2º andar, salas 9, 10 e 11  
4000-288 Porto  
Tel. 222 032 049  
d.porto@assp.pt  
*Casa da Torre*  
Rua da torre, nº 208, 4580-752 Sobrosa  
Tel. 255 963 538 | Tlm. 931 736 357

### Núcleo de V. Nova de Gaia

Rua Paula Vicente, 30,  
4400-243 Vila Nova de Gaia

### SANTARÉM

Rua Luíz Montez Matoso, 38  
2005-145 Santarém  
Tel./Fax 243 322 212  
d.santarem@assp.pt

### SETÚBAL

Avenida António Sérgio, 1  
2910-404 Setúbal  
Tel. 265 719 850 | Fax 265 719 851  
d.setubal@assp.pt

### VISEU

Rua 21 de Agosto, Edifício Viriato, BL 5A - 1º A  
3510-120 Viseu  
Tel. 232 449 099 | Tlm. 925 321 167  
d.viseu@assp.pt

## Sede Nacional



### SERVIÇOS CENTRAIS

Largo do Monte, 1 | 1170-253 Lisboa  
Tel. 218 155 466 | 218 888 428  
Fax 218 126 840  
www.assp.pt | info@assp.pt  
Seg. a Sex. 9.00h-13.00h / 14.00h-17.30h

# Olhar com Olhos de Ver



Ana Maria Morais

Presidente da Direcção Nacional da ASSP

Diz-se que, no seu tempo, a teoria de Copérnico (Teoria Geocêntrica) terá desencadeado grandes dúvidas não só porque a trajectória do Sol era o que se mostrava aos sentidos, de nascente para poente, mas também porque Aristóteles assim o dissera.

Tratava-se de um erro de julgamento e não de miopia. Observações mais cuidadosas levaram não só à aceitação da teoria de Copérnico, mas permitiram, também, corrigir alguns dos seus desvios. Contudo, mais de trezentos anos depois de Copérnico, Cónego da Igreja Católica, e de Galileu continuamos a dizer que o Sol e a Lua nascem, como se fossem dotados de movimento próprio.

Na nossa Associação, a ASSP, vamos encontrar, como no caso do heliocentrismo, não miopia mas muito provavelmente um julgamento desajustado da realidade.

Falámos no caso de Copérnico porque julgamos que na ASSP estaremos, quanto a alguns, perante um erro de julgamento.

O empenho em dinamizar a vida das Delegações, dando satisfação às suas propostas de novas actividades, bem como resolver alguns dos problemas que estavam pendentes, condenam de forma clara aquele erro. Sabemos que as Delegações são a forma da Associação estar perto, acessível, aos Professores.

Se aceitarmos esta perspectiva, e é muito difícil encontrar outra igualmente válida, as Delegações são a via fundamental para levar a todos os Professores as soluções, vantagens e oportunidades que a Associação, como um todo, lhes proporciona.

Nesta tarefa a função das Delegações é primordial porque ela transporta e vive realidades regionais e daí resulta a grande importância de transferir soluções encontradas e de sucesso, como foram, por exemplo, as Conversas ASSP.

Parece muito claro que uma das funções mais importantes da Direcção Nacional será aliviar as Delegações de múltiplos processos burocráticos e financeiros que devem ser processados e coordenados centralmente porque permitem encontrar soluções globais e, regra geral, mais económicas.

Quem afirma que esta óptica visa retirar às Delegações a sua função não está a sofrer de um caso de miopia está a cometer um erro de julgamento.

As Delegações têm criado e desenvolvido um conjunto formidável de actividades para os Professores. Porém, essas actividades são dirigidas e interessam a Professores que já quase completaram o seu Ciclo de Vida Profissional ou estão quase a chegar ao seu termo.

É indispensável conhecer a problemática vivencial das novas gerações de Professores. Sabemos que o quadro da sua vida é substancialmente diferente daquele que foi o da maior parte dos dirigentes da ASSP, trata-se de outra geração. A via que foi adoptada para escutar os jovens Professores mostrou-se muito rica de informação, o que nos leva a concluir que nos últimos anos a ASSP tem feito muito pouco por esses jovens, talvez por isso sejamos poucos e mal conhecidos.

O modelo proposto por Copérnico parece-nos ser uma muito boa alegoria. O centro da nossa energia, objectivo e missão é o Professor, melhor, é também o Professor jovem. Será nesse grupo que iremos contar com os novos Associados e, mais importante, será neles que potencialmente já existam os Novos Dirigentes da ASSP.

*Ana Maria Morais*

## Ficha Técnica

### DIRECTORA

Ana Maria Morais

### DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Largo do Monte n.º 1 - 1170-253 Lisboa

Tel. 218 155 466 / Fax 218 126 840

info@assp.pt / www.assp.pt

### PROPRIEDADE

Associação de Solidariedade Social dos Professores

### COORDENAÇÃO EDITORIAL

ASSP Comunicação

### CONCEPÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO

Sandro Costa

### IMPRESSÃO

Finepaper - Rua do Crucifixo, n.º 32 - 1100-183 Lisboa

### REDACÇÃO

Largo do Monte n.º 1 - 1170-253 Lisboa

assp.comunicacao@gmail.com

### PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DE DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS ASSOCIADOS

Isenta de registo na ERC ao abrigo do

DEC- REG 8/99 de 9/6 art. 12º n.º 1 - A

Depósito Legal ..... 36086/90

Número Avulso ..... 0,50 €

Assinatura anual solidária ..... 10,00€

Tiragem (n.º exemplares) ..... 10 500

### NOTA

A adopção do Novo Acordo Ortográfico é da responsabilidade dos autores.



# A Vida é tão certa como "2+2=5"

Ao refletir sobre a VIDA entendemo-la como um todo, porém esta é composta por várias fases e dimensões que se vão construindo, reconstruindo e articulando em função de cada ser humano de forma única e individual.

A dimensão física reporta-se ao corpo e marca o início e o fim do ciclo da vida. Porém, são as dimensões emocional, afetiva, social e espiritual que a acompanham e, ao potenciarem-se de forma sustentada, conferem qualidade à vida.

As atividades desenvolvidas pela Delegação Açores da ASSP, em variadíssimos momentos e contextos, são pensadas na perspetiva de proporcionar aos associados um espaço que maximize as referidas dimensões, com especial enfoque na afetividade e na socialização.



De acordo com o testemunho do nosso associado Jaime Figueiredo "A vida não é o destino!...", foi em ambiente de festa, aquando da comemoração de aniversários, nomeadamente o seu, que de forma emotiva sábia e serena, relembrou, em texto versado, algumas fases da sua vida.

"Traíçoeiras contrariedades  
Fizeram-me marcas e fobias  
Com o passar da idade  
Acabaram-se algumas folias"

"Ao findar a infância  
Fica uma pessoa contente  
Passa logo à adolescência  
E ala, vamos em frente!"

"Gasta-se tempo e vontade  
E o amor persiste,  
Um prazer sem maldade  
No coração existe"

"O amor continua  
Agora de corpo e alma,  
Com verdade nua e crua  
A emoção lá se acalma"

"Com o passar dos anos  
E olhando para traz,  
Fica a ideia que  
O destino não nos faz."

...

Quando entendemos a vida como um ciclo, podemos olhar o passado com saudade e até ter um certo temor quanto ao futuro, mas a presença de um amigo é sem dúvida uma âncora. A força de um abraço, de um olhar de cumplicidade ou até mesmo um simples, mas vigoroso aperto de mão, são pequenos gestos que alentam e renovam o acreditar que "Sem isso a vida é uma baça surdina destinada ao esquecimento."

MENDONÇA, José  
em "Nenhum Caminho será Longo."

O Algarve não é só sol e mar

# Albufeira, vila branca em mar azul

*É aqui, neste lugar  
ao sul,  
que entre o mar e o céu  
me encharco  
de azul*

*Natércia de Aguiar  
in Meu canto dos Olhos d'Água*

*O Peneco, o mar, a praia e o casario sobre a falésia foram os elementos publicitários que operadores de turismo propagandearam por todo o mundo em folhetos, cartazes e revistas, no início da década de 60 quando eclodiu a primeira revolução turística que abanou esta S. Tropez algarvia, fazendo-a sair do suave marasmo em que vegetava. Artistas guedelhudos, teen-agers, hippies e ingleses ajudaram a espalhar por todo o Reino Unido a sua pétrea imagem.*

*Foram os bons velhos tempos em que um terraço em Albufeira tinha cotação na bolsa de valores de Londres.*

*Formado há milhões de anos, o Peneco viu aparecer os primeiros homos sapiens e assistiu, durante séculos, a sucessivas invasões.*

*De todos os povos que aqui arribaram, vindos do mar, atraídos pelo clima, pelos frutos e mel ou pelo cobre da região, existe um imaginário muito especial sobre os fenícios, esses peregrinos das águas, que deram nome a este lugar, que por aqui se estabeleceram, traficaram, lutaram e roubaram algumas vidas e mulheres.*

*Dos gregos ou dos romanos que dominaram estas praias e arribas, não há grandes testemunhos. Os godos ou visigodos, esses, entraram pela serra vindos do norte. Depois chegaram os árabes. Encontraram aqui o seu habitat ideal durante cinco séculos. Baltum passou a ser conhecida por Albuera e os nossos cinetes trocaram as cruzes godas pelos crescentes mouriscos.*

*O nosso Peneco assistiu, pois, a esta sucessiva rajada de estrangeiros perpassando pelos indígenas, os nossos cinetes. Os antigos algarvios, sendo dominados, tiravam partido dos dominantes.*

*Aprenderam a lidar com o ferro através dos celtas, cultivaram a cerâmica com os iberos. Hostilizados pelos Lusitanos, permaneceram simplesmente, cinetes. Absorveram costumes, manha e cultura fenícia, mas mantiveram seus usos, seus deuses e autonomia. Lutaram contra os romanos, derrotados tiveram de lhes construir monumentos, mas herdaram-lhes o latim, o direito, as estradas, as pontes, as doutrinas e a administração. Dos visigodos, receberam a paz e o cristianismo. Com os árabes coabitaram, miscigenaram-se, foram moçárabes, mas deles receberam engenho, cultura e arte. De novo com os cristãos, agora denominados portugueses, os nossos cinetes permaneceram algarvios.*

*J. M. Palma Martins  
in Albufeira cinco contos cinco estórias  
(adaptação)*

Mas a história de Albufeira não acaba aqui. Levantou-se dos escombros do terramoto de 1755. Nas lutas liberais, em 1833, cercada pelas guerrilhas do Remexido, viu as suas casas pilhadas e incendiadas e cerca de 70 liberais chacinados depois de uma rendição honrosa.

Foi, até há 50 anos, um importante centro de cultivo, transformação e exportação de frutos secos: figo, amêndoa e alfarroba. Hoje são os laranjais que a rodeiam.

Quando simpática vila de pescadores, era ainda um importante porto de pesca onde galeões e traineiras vinham abastecer-se de água e descarregar o pescado.

Com o evoluir dos tempos, devido às novas invasões de capital e turistas, começou a vender o sol! Albufeira presenteia-nos com a sua maravilhosa praia, hotéis, restaurantes e bares de óptima qualidade, uma dinâmica que abraça a modernidade com entusiasmo e as suas gentes, genuinamente algarvias, acolhedoras, expansivas, simpáticas, tudo fazem para tornar feliz quem a visita.

Pensa-se que Albufeira é praia e night! Mas também é cultura e festivos e mais, muito mais.

É uma dupla cidade em que o antigo e o moderno não se miscigenaram, mas convivem pacificamente.

E o nosso Peneco, embora um tanto esquecido, continua protagonista da paisagem, impávido e sereno como um antigo "baal" fenício, espalhando a sua generosa sombra pela praia, olhando o mar, o casario da vila velha e o urbanismo da cidade nova!

*Maria Herculana Martins  
Associada nº 5338*



# Memória de uma Realidade Quase Inquestionável

No Natal, na Páscoa, ou na festa da padroeira, a família juntava-se em casa dos meus avós.

Por vezes havia discussões. As mulheres permaneciam caladas. Não contrariavam os homens. Homem que é homem não é contrariado! Muito cedo, apercebi-me de que mulher que é mulher não contraria o marido. Defende-o, mas não o desfeiteia. Especialmente se estiver em casa dos pais do marido. E se ele ficasse calado, uma cunhada, geralmente a mais velha, acusava o irmão de moleza, na frente de todos.

– És um mole!

Aquela acusação caía como uma bomba, a que se seguia um longo e pesado silêncio. Mole parecia ser acusação grave. Manchava a reputação de um homem. Por vezes um silvo fulminante rasgava o silêncio. E ouvia-se um ai seco. O ambiente só desanuviava depois do regresso a casa.

Foi assim que aprendi como era desigual a condição de homens e mulheres.

Os meus colegas de escola, e especialmente o João, que queria ser escritor, faziam belas redações depois do Natal:

«Gostei muito deste Natal. Gostei das filhoses polvilhadas de açúcar e canela. Gostei das prendas que me deu o Menino Jesus, do musgo do presépio, da vaquinha e do burrinho».

Para mim não era bem assim. E tenho cá para mim que para eles também não. Mas era assim que se devia fazer uma redação na escola. Não lembrava ao diabo um menino escrever sobre a forma como eram tratadas as mulheres. Apesar de violenta, era uma realidade quase inquestionável. Sobravam esporádicas perplexidades e interrogações. Nunca percebi por que razão os homens entravam na igreja de cabeça descoberta, enquanto as mulheres tinham de se cobrir com um véu preto de funeral. Para as meninas havia um véu branco.

Confesso que nunca percebi tantas diferenças. Depois do Natal era um alívio. Em janeiro e em fevereiro havia neve nos telhados. O frio e a neve faziam esquecer o sufoco das fogueiras do Natal.

Quando chegávamos a casa dos meus avós éramos todos iguais. Todos da mesma família. Era uma enorme felicidade estar com tantas tias, tios e primos. Para mim, que vivia sem ver outra família que não fossem os meus pais e os meus irmãos, aquelas reuniões começavam por ser uma festa, um tempo irrepetível. Quando de lá saíamos éramos muito diferentes. Uns mais do que outros. Os homens mais que as mulheres. Essas opressivas festas de família serviam para cada um aprender o seu papel e saber o seu lugar sem questionar. Havia nelas um guião invisível que tornava visível a desigualdade entre homens e mulheres.

Eu não tive irmãs. E as poucas primas que tenho viviam longe. As meninas da minha escola aprendiam numa outra sala e no recreio não se misturavam com os rapazes. As meninas eram ensinadas por uma professora que era a mulher do meu professor, um homem violento, que exigia uma obediência cega e promovia a delação entre nós. Na catequese, as meninas também eram separadas dos meninos. A bem dizer, só convivi com raparigas bem mais tarde. Teria os meus 16 anos, quando o meu pai, por eu ter reprovado, me pôs a trabalhar numa fábrica de louça, durante as férias.

Comecei pela pintura. Mas aquilo era sempre igual. Pintar na fábrica não era como pintar na escola, onde podia experimentar coisas novas. Na escola tinha tempo, na fábrica, não. Na fábrica, todo o tempo custa dinheiro. Na fábrica tive de aprender a filar pratos numa manhã. Porém, a manhã seguinte não foi suficiente para aprender a filar travessas. Não conseguí que a minha mão seguisse o bordo fugidio das travessas empilhadas no torno, e o filete escuro descarrilava quando a curva oblonga se alargava.

Precisava de mais tempo. Passei para as terrinas. Pintava umas chinesices azuis com estampilha sobre louça enchacotada. Mas não dava para inventar. O meu pai recomendara-me ao patrão como se eu fosse um artista. Para o meu pai eu era um artista. Mas ali tinha de pintar como se eu fosse uma máquina. Peça após peça, sempre igual. Sem diferenças mínimas, quanto mais devaneios artísticos. Qualquer coisa diferente era reprovada. Passei para o fabrico da louça. Depois de desenformada, rebarbada e esponjada, alguém teria de a transportar para os tabuleiros de secagem. Era um trabalho duro, um vaivém, de subir e descer escadas. Fazia isso com uma rapariga da minha idade.

Um dia, em casa, perguntei ao meu pai, enquanto a minha mãe levantava a mesa e ele esperava pelo telejornal:

– Por que razão a Rita, que faz o que eu faço, ganha metade do que eu ganho?

– Cala-te, não digas disparates. Então não vês que ela é uma mulher? Tu és homem!

A Rita fez apenas a quarta classe. Na fábrica não se estuda. O irmão, o Jorge, porque nasceu rapaz, foi para o liceu e depois para a universidade. Estudou Economia. Os pais esforçaram-se. A Rita vive hoje na América, onde trabalhou uma vida como empregada doméstica. Já estará aposentada. O irmão empregou-se no Banco de Portugal. Vive há largos anos de uma reforma antecipada numa pequena cidade do norte do Brasil.



**Manuel Ferreira Rodrigues**

*Historiador, Professor Auxiliar no Departamento de Educação e Psicologia, Universidade de Aveiro.*



# Almodôvar recomenda-se!

A tradição entre a planície e a serra

A serenidade aliada à tradição, à excelente gastronomia e ao saber receber, potenciado pelos eventos que se realizam em Almodôvar, pelos vários equipamentos e pela imensidão de paisagens resultam numa experiência única, que só quem visita este Concelho pode apreciar!

Desde os Museus e monumentos religiosos, com testemunhos únicos da história e cultura local, nacional e até internacional; ao Complexo Desportivo, com inúmeras alternativas que promovem o bem-estar físico e a descontração; ao Pêgo da Cascalheira - um local de beleza

inolvidável onde poderá apreciar as águas límpidas que atravessam a Ribeira do Vascão e descobrir moinhos de água e açudes; o Parque das Merendas – Parque de Caravanismo, onde se propõe uma tarde diferente em família e o contacto com o nosso montado, Almodôvar apresenta bastantes sugestões de visita que lhe permitirão ocupar o seu tempo da melhor forma. O ideal é aliar todos os fatores na altura de programar a visita, aproveitando alturas festivas como o Carnaval, o Natal, ou até as suas férias do Verão, para descobrir este Concelho ímpar do Baixo Alentejo.

Conheça artesãos e produtos locais na FACAL e na Feira do Cogumelo e do Medronho ou faça uma viagem ao passado com a Feira Medieval: tudo para garantir que – venha quando vier – aqui terá uma estadia inesquecível!

Visite Almodôvar, aproveite tudo o que temos para oferecer e deixe-se envolver por esta terra e gente maravilhosa!

*Colaboração da  
Câmara Municipal de Almodôvar*



*Forum Cultural*



*Casa da Ponte*



*Cascalheira*



*Museu  
Manuel Vicente*



*Igreja Matriz - interior*



*Monte Corto*

# Amizade Digital?

Como equacionar a amizade com a utilização do digital, particularmente com os meios facultados pela Internet? Estamos face a situações nomeáveis de amizade? É possível sustentar e partilhar amizades, bem como pautar por referenciais éticos e em torno de valores comuns?

Esclareço que não sou incrédula face à praticabilidade e reforço de amizades via digital, que não enveredo por uma posição puramente negativista ou netceptica. Pretendo sim, denotar a efetiva rutura e, mesmo subversão, no modo como são materializadas as amizades. Alertar que os contextos digitais propiciam uma inversão na hierarquização das significações e uma alteração dos preceitos tradicionais acerca da amizade. Designadamente, face aos três géneros de amizade definidos por Aristóteles: pelo útil, pelo prazer e pelo bem em si (amizade perfeita), bem como confrontados com os requisitos por si estipulados para que a amizade aconteça verdadeiramente.

Defendo um aproveitamento qualitativo do digital para não empobrecimento do conceito de amizade ou deturpação de “amigo” por “contactado”. Os contextos digitais proporcionam novas configurações de assunção da cidadania, distintas formas de relações intersubjetivas, de partilha e de cooperação. Também nas interações valoriza-se o momento presente

e imediato, manifestações individualistas, a defesa de direitos particularistas e dos estilos de vida marcados pelo prisma emocional, pelo hiperconsumo e fruição mercantil hedonista.

Pensar a amizade à luz do digital remete-nos para a adesão das pessoas a plataformas tipo Facebook, onde de modo díspar e plural, (ab)usa-se do digital para conviver, informar, comunicar e interagir nos fluxos digitais, simultaneamente, de modo instantâneo, imediato, fragmentado e desterritorializado.

Por conseguinte urge enfatizar, que estas tecnologias, de acordo com as suas especificidades, acentuam um outro prisma na materialização das relações interpessoais, diferentemente do tradicionalmente e historicamente cimentado ao longo dos tempos. No presente contexto vivencial, grosso modo, a ênfase é colocada, essencialmente, no presente vivido do ponto de vista emotivo, no prazer e na adesão a paixões partilhadas, nas relações (in)tácteis e em opções efémeras. Proliferam os gregarismos fugazes e versáteis, rompendo com o ritmo tradicional das práticas comunitárias e das experiências pessoais de vida.

E a materialização de comunidades virtuais traçadas em redor de interesses comuns, por si só, não significa um decréscimo do individualismo ou de toda uma dinâmica optativa instaura-

da a favor de escolhas pessoais. Malogradamente, assiste-se ao reforço de um panorama egocêntrico, onde tudo pode ser construído em torno de mim ou ser um reflexo de mim próprio, da minha comunidade e tudo ser restaurado à minha imagem. E, por conseguinte, tudo é filtrado de acordo com a vontade individual, recebendo e acedendo a informação que gosto, que me convém ou o que os meus “amigos” estão a discutir!

A interrogação sobre a “amizade digital” presume e remete para toda esta caracterização que procurei evidenciar. Contudo, apesar desta tendência comportamental, talvez preponderante na esfera digital, não nos permite concluir pela ausência absoluta de virtudes cívicas e democráticas ou da capitulação num grau zero de valores. Paralelamente emergem novas formas de participação dos cidadãos na vida pública, novas maneiras de se ser solidário com os outros e de interpelação e de mobilização cívica. Também a possibilidade de concretização de amizades profícuas, assentes na cumplicidade, mutualidade e interajuda, na qual todos temos responsabilidades na sua (des)construção e prossecução.

*Maria Assumpta Coimbra*

*Instituto de Filosofia - Universidade do Porto  
assumptacoimbra@gmail.com*



# Com(s)Ciência: O percurso da matéria à vida

Todos aprendemos na escola que um ser humano se compõe de sistemas fisiológicos (sistemas circulatório, digestivo, respiratório...), que os sistemas fisiológicos são constituídos por órgãos, que os órgãos são constituídos por tecidos, que os tecidos são constituídos por células e as células, por sua vez, são constituídas por moléculas. A molécula é a unidade microscópica fundamental para entender as bases da vida. Para a ciência que estuda estas moléculas, a Bioquímica, a pergunta motivadora central é: como podem as moléculas, que são como objetos, inanimadas, sem vida, organizar-se e interatuar entre si para dar origem a uma célula, que é viva? Como se transmite a vida se é composta de não-vida?

Ainda que possamos atribuir propriedades vitalistas aos órgãos (bom coração, maus fígados, boa cabeça, mau sangue...) é nas moléculas que a vida tem a sua fronteira. Os vírus demonstram-no: são organizações moleculares que dificilmente poderemos classificar como seres vivos mas que têm uma capacidade impressionante de interferir com a vida das células só pela manipulação dos processos moleculares destas. De igual forma, todas as células à face do planeta, sem exceção, e apesar de milhões de anos de evolução e diferenciação, mantêm algumas moléculas em comum, como o Ácido Desoxirribonucleico (DNA, o nosso património genético), os constituintes da membrana que delimita as células, e algumas moléculas dos metabolismos. Esta relação aponta para um ante-

passado comum, constituído por moléculas primordiais, que se juntaram, reagiram entre si ciclicamente e foram formando uma proto-célula. A forma como tal aconteceu em detalhe permanece, porém, um mistério. É provável que a origem da vida se tenha dado em fontes termais vulcânicas no fundo do oceano, em rochas porosas: a alta temperatura e a alta pressão em conjunto com o isolamento de moléculas em bolsas nas rochas porosas terá favorecido as reações entre estas segundo os ditames da reatividade química em meio aquoso, característica que conservam até hoje. Conservamos água e o interior das células é um meio

não se esgota nessa questão; existem outras igualmente intrigantes: Se a vida é feita de moléculas porque envelhecemos? Se as moléculas são inanimadas e podem ser produzidas e substituídas continuamente, porque não vivemos para sempre? Porque vivem alguns seres vivos algumas horas e outros vivem centenas de anos se as moléculas de que são feitos são, essencialmente, as mesmas? A resposta está certamente nas moléculas mas a nossa capacidade para as interpretar é uma viagem sem fim ao encontro de nós mesmos, fruto de um incontável desejo de vida e juventude eterna.



Yellow (Nathan Sawaya, The Brick Artist). Foto: Erica Ann

aquoso, apesar de gelatinoso devido à grande densidade de proteínas e outras moléculas.

A composição da vida a partir de “objetos” não vivos, como um boneco de peças lego que ganhou vida, apesar das peças, em si, serem objetos plásticos inanimados, continua a fascinar e cativar bioquímicos, numa ânsia intensa de mais conhecimento. Mas a lista de perguntas sem resposta na cabeça dos bioquímicos



Miguel Castanho

*Professor Catedrático de Bioquímica na Faculdade de Medicina de Lisboa desde 2007*

*Distinguido com vários prémios científicos nacionais e internacionais, como o Prémio José Luís Champalimaud (Ministério da Saúde), Prémio DOR em investigação clínica da Fundação Grünenthal, e o Zervas Award da Sociedade Europeia de Péptidos.*

*Investigador responsável por dois consórcios internacionais financiados pela UE.*

*Licenciado em Bioquímica pela FCL e doutorado em Biofísica Molecular pela UTL.*

*Integra o Publications Committee da Federação Europeia das Sociedades de Bioquímica.*

*Nasceu em Santarém, em 1967, onde reside.*

# Escola Comunitária de São Miguel de Machede:

## Duas Décadas de Construção da Cidadania

O desenvolvimento humano pressupõe, sempre, um processo de mudança em direção a circunstâncias vitais, nas quais o exercício dos direitos e deveres de cidadania se concretiza em maior quantidade e melhor qualidade e onde as pessoas assumem níveis crescentes de autonomia nas mais estruturantes decisões que respeitam aos seus projetos pessoais. Neste contexto, o desenvolvimento humano assenta em processos educativos que permitem a construção e mobilização de conhecimentos e competências, nos planos individual e coletivo, e no estabelecimento de laços de cooperação entre os que partilham os mesmos espaços e tempos vitais.

Foi com este pensamento que, em 1998, nasceu – no seio da SUÃO-Associação de Desenvolvimento Comunitário – a Escola Comunitária de São Miguel de Machede, um projeto onde se concretiza um modelo pedagógico assente na educação não-formal, de perfil intergeracional e popular e onde participam indiví-

duos de todas as idades, origens sociais e culturais e distintos níveis de escolaridade. Um projeto, no qual coexistem, cooperam e se fecundam mutuamente os conhecimentos académicos e os saberes experienciais, onde o território é o palco em que cada um se pode tornar autor da sua história e em que a solidariedade é o elo que une as diferentes gerações e as diversas pessoas.

Na Escola Comunitária de São Miguel de Machede, desenvolvem-se, na atualidade, entre outros, os seguintes projetos:

**I) Curso de Educação Comunitária** – onde as aprendizagens vão da alfabetização às tecnologias da informação e da comunicação, passando pelas Artes Plásticas e a Atividade Física;

**II) Gabinete do Desenrascanço Estudantil** – onde os estudantes micalenses cooperam, num ambiente de solidariedade juvenil, através de processos de mentorado e tutoria, tendo em vista a promoção do respetivo sucesso escolar;

**III) Gabinete da Papelada** – projeto que, desde 1998 (em momento anterior à criação das Lojas do Cidadão), permite o acesso dos cidadãos aos serviços públicos, através da mediação realizada pelos jovens mais qualificados;

**IV) Circuito da Aldeia** – roteiro de aprendizagem disponível, para os visitantes, que resulta do trabalho cooperativo de jovens e seniores que valoriza e cruza os saberes locais e os conhecimentos académicos.

Quem visitar São Miguel de Machede pode, ainda, conhecer o bonito espaço físico da Escola Comunitária e da sua Biblioteca, na qual existe um acervo com mais de 6000 referências.

Tudo isto, no Alentejo, a tal região em que se pensa que só encerram escolas. Em São Miguel de Machede esta escola nasceu há vinte anos e está bem de saúde!



*Lurdes Pratas Nico & Bravo Nico*

*Lurdes Pratas Nico é Professora Auxiliar Convidada na Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora e Presidente da Direção da SUÃO – Associação de Desenvolvimento Comunitário de São Miguel de Machede*

*Bravo Nico é Professor Associado com Agregação da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora e Diretor-Executivo da SUÃO*



# Parentalidade Consciente

A Delegação de Guimarães tem promovido workshops dedicados ao tema da Parentalidade Consciente com o seu novo parceiro: **Semente - Centro de Desenvolvimento Pessoal**.

Estes trazem uma nova visão sobre a educação, e a relação que estabelecemos com as crianças, extremamente útil para qualquer pai ou mãe, e educador em geral.



Para Sónia Lopes responsável do **Semente** e facilitadora certificada pela Academia de Parentalidade Consciente, a Parentalidade Consciente é ser mãe, pai e educador (avô, avô, tia, tio ou qualquer pessoa que convive diariamente com a criança) de uma forma consciente, com o intuito de expandir cada vez mais a própria consciência, a perceção de si mesmo e do outro. É olhar para a criança de forma mais autêntica e mais respeitosa. No fundo, é tratar a criança como gostaríamos de ser tratados.

Praticar Parentalidade Consciente é mais sobre o desaprender do que o aprender. Trata-se de desaprender crenças, ideias, hábitos que fomos adquirindo

ao longo da vida. Desaprender atitudes e comportamentos, que muitas vezes são transgeracionais. É um processo de autocohecimento, onde aprendemos a perceber o que nos serve e o que queremos enquanto pais, para as nossas crianças, e do mesmo modo, perceber o que (já) não nos serve quando procuramos um relacionamento saudável baseado no amor incondicional pelos nossos filhos.

Quando nos conhecemos melhor, conseguimos perceber a criança e as suas necessidades, promovendo uma verdadeira conexão e empatia. Ao estarmos verdadeira e conscientemente presentes na vida dos nossos filhos, respeitamo-los tal como eles são, respondemos às suas necessidades e amamo-los incondicionalmente.

Pais conscientes são perfeitos? Não! Ser um pai ou uma mãe consciente é praticar a aceitação, sobretudo, a autoaceitação. É só é possível fazê-lo se encarmos a nossa vulnerabilidade e imperfeição em todos os aspetos da nossa vida. E um dos aspetos mais desafiantes é, sem dúvida, o papel de pai ou mãe.

Este é um caminho infinito de aprendizagem, que pode começar a qualquer momento, onde

nos conduzimos pela autenticidade, presença e atenção plena, aceitação e amor incondicional.

Sabendo que os pais e outros cuidadores da criança (incluindo os educadores e professores) se deparam continuamente com dúvidas e desafios, promovemos estes workshops oferecendo uma resposta alternativa que desperta para uma nova forma de olhar a criança e de nos relacionarmos com ela.

Educar conscientemente implica questionarmos as nossas crenças, as nossas ideias, os nossos hábitos, os nossos comportamentos. O objetivo do ciclo de workshops é por isso, inicialmente, permitir aos participantes trabalharem o seu próprio desenvolvimento pessoal, tendo esse um reflexo muito importante nas crianças com quem convivem diariamente.

Os professores são agentes com grande influência no comportamento das crianças. Desta forma, acreditamos que a comunidade escolar pode e deve adquirir competências que permitam a sua existência de forma equilibrada, completa, positiva e consciente.

Sónia Lopes  
**SEMENTE**

Centro de Desenvolvimento Pessoal



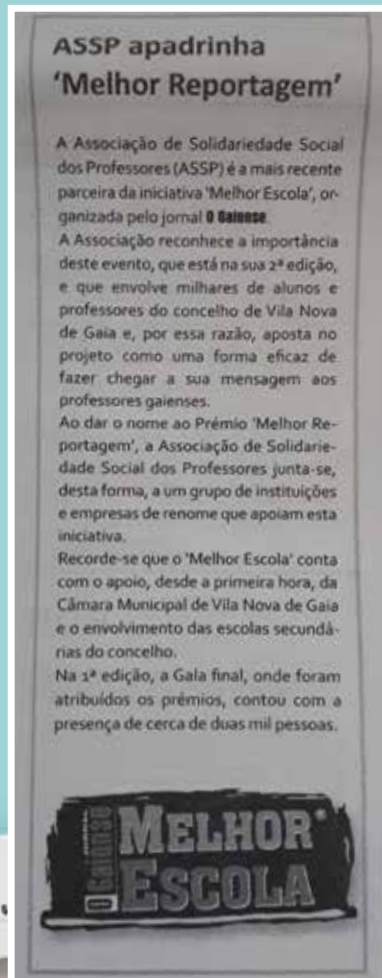
# ASSP na iniciativa "Melhor Escola" do Jornal O Gaiense

A ASSP associa-se ao projecto cultural para o ano lectivo 2017/18 como patrocinador do Prémio Melhor Reportagem, inserido na iniciativa "Melhor Escola" do Jornal O Gaiense. Esta iniciativa conta com 11 escolas secundárias, públicas e privadas do Concelho de Gaia. Trata-se de fazer em cada escola (com explicação de jornalistas, em contexto de aula), um jornal, com 16 páginas que integrará todas as componentes do jornalismo.

O Jornal será encartado no Jornal O Gaiense entre o mês de Janeiro e o mês de Maio de 2018. Este projecto culminará com a edição de um livro denominado "Unir para lá do Tempo", que tem a finalidade de compilar e guardar para lá do tempo todos os momentos da iniciativa.

Por fim, terá lugar a realização de uma gala "Melhor Escola", no Pavilhão Municipal de Vila Nova de Gaia, onde participarão todos os elementos envolvidos na iniciativa: alunos, directores, professores, auxiliares de acção educativa, encarregados de educação e membros da comunidade e um total de cerca de 2 500 pessoas.

Como contrapartida destaca-se em particular uma entrevista de 2 páginas efectuada à Senhora Presidente da Direcção Nacional, aqui parcialmente reproduzida.





# ANIVERSÁRIO

25 e 26 Maio de 2018

**Setúbal, Cidade do Rio Azul,  
vestida de verde e mar.**



**Venha comemorar o  
Aniversário da ASSP  
em Setúbal**



# Dimensão Europeia da Educação

Clube Europeu da Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo (ESFRL)

No decorrer dos últimos 17 anos, o Clube Europeu da ESFRL deu vida a esta escola a nível interno, visibilidade a nível externo e contribuiu para a sua internacionalização.

O seu projeto mais antigo, “Euro-projeto – Educação sem Fronteiras”, também este com 17 anos de existência, continua a ser o ex-líbris do Clube. Consiste numa rede de 18 escolas europeias que, além de intercâmbios bilaterais e multilaterais, possibilita a participação de professores e alunos em conferências e encontros europeus, assim como a organização de parcerias entre escolas da rede que, através de candidaturas *Erasmus+*, podem ter os seus projetos financiados.



Através do Europrojeto centenas de alunos tiveram a sua primeira experiência europeia e a outros tantos foram abertas portas e concedidas oportunidades de crescimento profissional e pessoal. Todos os anos são organizados vários intercâmbios com escolas da rede e pelo menos uma conferência com alunos e professores de todas as escolas participantes. No presente ano letivo, o Clube Europeu da ESFRL está a dinamizar 5 intercâmbios com duas escolas parceiras da Bélgica, uma da Finlândia, uma da Holanda e uma da Alemanha,

abordando diversas temáticas e envolvendo cerca de 100 alunos.

Nos últimos 2 anos, a Escola tem estado a desenvolver um projeto *Erasmus+* com as escolas parceiras da Bélgica, Alemanha e Itália, sobre a ligação entre a escola e a vida profissional, que incluiu parcerias com empresas dos 4 países participantes. Com a dinamização deste projeto (LIFE – Linking Interests For Europe), a ESFRL teve a oportunidade de voltar a organizar um encontro de escolas europeias, o que já não acontecia desde 1998, altura em que foi a anfitriã do Encontro do Europrojeto sobre o tema “Os Oceanos”.

O projeto LIFE envolveu alunos, professores e empresas e procurou estabelecer uma ligação mais direta com o mundo empresarial, através da visita a empresas locais dos países participantes. No nosso caso, a Vidrala e o Centimfe, na Marinha Grande, e a Frubaça, em Alcobaça.



O Clube Europeu desenvolve ainda outros projetos, também com a realização de intercâmbios que contam com diversas parcerias: o “Projeto Cidades Geminadas”; o Projeto PEPA (Projeto Escolas Piloto de Alemão); o Projeto

ARTeS, para além do Parlamento de Jovens.



A tónica do intercâmbio deste ano, no âmbito do “Projeto Cidades Geminadas”, foi mostrar aos jovens que devemos olhar à nossa volta e observar com atenção tudo aquilo que nos rodeia, mesmo as coisas menos boas, como o Pinhal de Leiria ardido. Em resposta a este acontecimento, houve um “pai alemão” que enviou uma carta de solidariedade e de apelo à ação, com um pequeno embrulho que continha sementes de árvores. “As lágrimas de D. Dinis deverão ser extintas”, dizia a carta, e com esse intuito os nossos jovens semearam as “sementes de Rheine” na área ardida, como símbolo de amizade e profunda solidariedade.

Em 2020, o Clube Europeu completará 30 anos e cá estaremos para festejar e continuar a proporcionar, a alunos e professores da ESFRL, experiências europeias.

<http://esfrl.edu.pt>

<http://europrojectnet.eu/index.html>

**Alcinda Goulart**  
Dinamizadora do Clube Europeu



# Olhar e Ver

Que lindo dia!

Está Sol e praticamente não há vento. É hoje que vou procurar aquela Residência De e Para Professores de que me falaram.

A informação que tenho é de que a Casa se situa numa pequena Vila junto à praia. Devo estar no bom caminho, pois há pouco, ao cruzar uma longa Avenida, percebi lá ao fundo um bonito azul que só pode ser do mar.

Vou andando e pelas informações que vou recebendo, apercebo-me de que não devo estar longe. Nisto, ao descer uma rua no sentido Nascente, vislumbro um edifício de traça moderna que me palpita ser a Residência que procuro. Dou mais uns passos, não há dúvida: uma placa identifica a Casa de Professores.

Devo dizer que a primeira impressão não foi das melhores: pareceu-me pouco leve, cinzenta, não recebendo naquela hora a luz direta do Sol. Passei o portão, e logo depois, a sensação era bastante diferente: árvores frondosas e arbustos floridos recebiam o visitante num ambiente acolhedor.

De repente um olhar mais atento e vejo através de uma grande janela, uma senhora de cabelos brancos sentada numa cadeira de rodas, em postura que parecia ser a de quem lê ou escreve. Entro: o ambiente é acolhedor. Um grande hall dá acesso a



Dirijo-me a ela, cumprimento-a e pergunto como se chama. Responde-me apenas que tem nome de flor. Sorrio e rapidamente se estabelece entre nós uma empatia que vai permitir uma longa e gentil conversa.

Conta-me então que está muito feliz ultimamente pois graças à sua persistência, força de vontade e apoios que a Casa lhe proporciona, tem recuperado competências que havia perdido, sendo uma delas a capacidade para escrever. Fico entusiasmada e pergunto que época da sua vida pretende “fixar” hoje.

- Sabe, há aqui na Casa algumas colegas que se queixam de falta de memória e eu gostaria de não esquecer certas fases da minha vida. Estou a fixar no caderno alguns episódios dos meus tempos na Faculdade. Ficam aqui como que gravados e poderei revisita-los se a memória me falhar.

- Deu-me uma ideia magnífica. Hoje mesmo vou pô-la em prática, pois afinal somos quase da mesma idade. Despedi-me e quando saí, fizemos mais um adeus, apercebendo-me que daquela janela onde a flor permanecia saía agora uma luz intensa que permitia **Outro Olhar** sobre a Casa dos Afetos.

*Dr<sup>a</sup> Ilda Mota  
(atual residente na Casa)*



uma sala com sofás e televisão que rapidamente se identifica como sala de convívio e que, pela forma idealizada pelo arquiteto, é apelidada de “sala hexagonal”.

Na janela virada a Nascente está a residente de que já falei e percebo que está a escrever, apanhando de frente a ótima luz de sol que entra pela vidraça.

**SE PODES OLHAR VÊ.  
SE PODES VER REPARA**  
(José Saramago)

# Maximiano de Sousa

## Centenário do carismático artista madeirense

Maximiano de Sousa nasceu há cem anos. A 20 de Janeiro de 1918, no Funchal, via a luz do dia um dos ícones da história da Madeira e da música portuguesa.

Viveu como poucos a popularidade da rádio, do teatro e da televisão portugueses, desde a década de 1940 até a data do seu desaparecimento, em 1980. "As Noites da Madeira", o "Bailinho da Madeira" ou "A Mula da Cooperativa" foram alguns dos seus êxitos, até porque para quem sonhava ser barbeiro ou alfaiate, a música apareceu como uma surpresa.

O bichinho da música que sempre tivera levou-o ao bar de um hotel, onde a partir de 1936 acumulou a música à noite, com a profissão de alfaiate durante o dia.

Em 1942 é um dos fundadores como cantor e baterista do Conjunto de Toni Amaral, que se torna numa sensação nas noites madeirenses e que, em 1946, conquista Lisboa, a tão distante capital do império, interpretando os ritmos do momento: boleros, baladas e fados/canções.

Iniciou a sua carreira a solo em 1948, numa subida vertiginosa para a fama, esteve presente em vários programas da rádio, entre eles no Passatempo APA, do Rádio Clube Português, em parceria com Humberto Madeira, e em atuações ao vivo. É por isso que

em 1949, assina contrato com a Valentim de Carvalho e grava o seu primeiro disco: um 78 rotações com "Noites da Madeira" e "Bailinho da Madeira".

É o primeiro de uma longa lista de sucessos como a *Mula da Cooperativa*, *Porto Santo*, *O Magala*, *O Homem do Trombone*, *31*, *Sinal da Cruz*, *Pomba Branca*, *Quando a Dor Bateu à Porta*, *As Bordadeiras*, *Casei com uma Velha*, *Júlia Florista*, *Maldita da Pulga*, *Maria tu tens a mania*, *Mas sou Fadista*, *Noite*, *Rosinha dos Limões*, *Saudades da Ilha*, *Vielas de Alfama*, *Ilha da Madeira*, *Nem às Paredes Confesso*, *Bate o Pé*, *Tingo lingo lingo*, *Cha cha cha em Lisboa*, *Fiz leilão de mim*, *Fado Meia Noite*, *Perdida*, *Fado do ZÉ Ninguém*, *Saudades da Madrugada.....*

Depois da rádio, Max conquista o teatro, participando, a convite de Eugénio Salvador, na revista *Saias Curtas*, em 1952. Será apenas a primeira de uma longa série de revistas que confirmarão também os seus dotes de ator e humorista.



Em 1957, parte para os EUA para uma digressão de cinco anos, cumprindo apenas dois anos por motivo de doença cardíaca. Viajou em seguida para Angola, Moçambique, África do Sul, Brasil e Argentina.

O busto, da autoria da escultora Luísa Clode, é uma homenagem da Câmara Municipal do Funchal a um artista que tanto promoveu e prestigiou a Madeira, tendo ficado ligado à ilha para sempre.



O Presidente do Governo Regional Miguel Albuquerque depositou flores junto ao busto de Maximiano de Sousa (Max), por ocasião do centenário do seu nascimento.

Pretende-se criar na Madeira uma casa para homenagear Maximiano de Sousa, um local onde o público poderá ficar a conhecer melhor a vida e a carreira do cantor madeirense.

Ariete Gouveia  
Presidente da Delegação da ASSP -  
Madeira

# Memórias

## "Um Sonho Continuado"

Eu tinha um sonho e o desejo forte de o realizar. Queria ser professora. Reportando-me aos meus tempos de menina, nascida numa aldeia da Beira Interior, lembro-me perfeitamente, não obstante tantos anos passados, quando a minha professora do ensino primário nos apresentou o seguinte título para compormos a nossa redacção:

### "O que queres ser quando fores grande?"

Era esta a pergunta a que tinha de dar resposta e que, para mim, não foi difícil.

Difícil seria o caminho para atingir o meu sonho. Seria necessário prosseguir os estudos e deslocar-me para a cidade grande. Nesse tempo não havia autoestradas e os caminhos eram tortuosos e cheios de curvas apertadas ...

Vencidos os obstáculos, os estudos fizeram-se e o curso chegou ao fim e eu ia dar corpo ao meu sonho de menina. Assim, e apenas com dezoito anos, embarquei numa longa viagem que durou 34 anos. Enchi uma mala com os ingredientes que achei necessários (trabalho, dedicação, empenho, partilha, teimosia e até um pouco de vaidade) e lá fui eu.

Tinha uma "missão" importante para cumprir e vou aqui recordar e partilhar com os leitores do boletim da ASSP, o meu primeiro ano de trabalho.

Lembro-me com bastante nitidez do primeiro contacto com o "Lugar" para onde fora nomeada e do choque que se abateu sobre mim. Era um Lugar quase deserto, onde a Escola não se distinguia do resto das casas pequenas e de aspeto bastante pobre. Para ficar ali tinha de puxar dos ingredientes que guardara na minha mala. Fiquei a saber que ia ter 49 alunos distribuídos pelas quatro classes. Visitei a sala de aula e constatei a pobreza das instalações e do material escolar.

Os meus olhos ficaram humedecidos e algumas lágrimas teimaram em cair. Parecia-me uma "missão" impossível, pois as condições eram adversas e o número de alunos avultado. E interroguei-me: será que consigo dar resposta a tão difícil tarefa? O meu sonho antigo começaria ali a realizar-se?

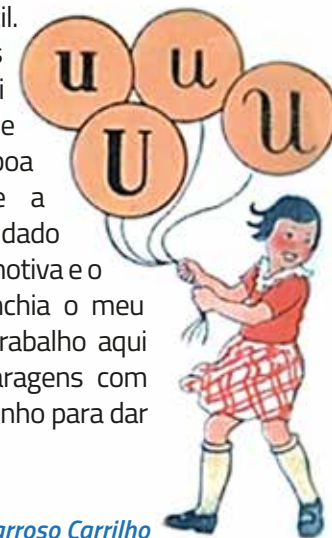
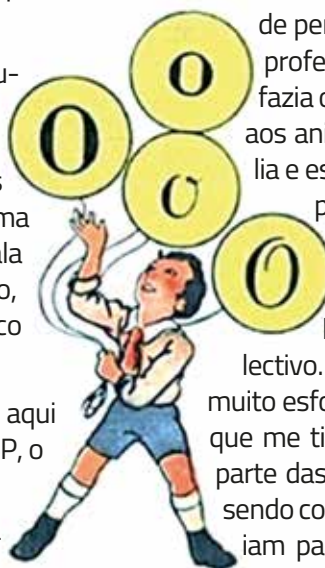
Meti mãos à obra. Recebi as crianças, dialoguei com os pais, que me viam como um bicho raro, e prometi a mim própria ir até ao fim daquela incomensurável tarefa dando começo àquele ano letivo. Lembro-me que fiz chover dezenas de "ofícios" na Câmara Municipal a pedir obras na sala de aula, pintura de paredes, carteiras novas e todo o material didáctico que me parecia necessário.

Após tanta insistência, os meus pedidos começaram a ser satisfeitos. Motivei as crianças e os pais que não estavam habituados a cumprir horários e que davam pouca importância à aprendizagem. Antes de mim tinha estado naquela escola uma "regente escolar" que revelou ter pouco interesse em ensinar. Fui conquistando aquela boa gente, dediquei-me de alma e coração àquelas crianças e os resultados foram aparecendo. Após alguns meses de permanência naquele Lugar eu era não só a professora, mas também a enfermeira, que fazia os curativos e dava injeções às pessoas e aos animais, era a conselheira, era a amiga que lia e escrevia as cartas que chegavam e partiam para as famílias distantes que tinham emigrado para França.

Confesso que foi um trabalho árduo levar até ao fim aquele primeiro ano lectivo. Precisei de muitas horas extraordinárias, muito esforço e sacrifício para atingir os objetivos a que me tinha proposto, havia correspondência de parte das crianças e dos pais e os resultados iam sendo conseguidos. Os dias, os meses, os períodos iam passando e o ano letivo chegou ao fim. A despedida não ia ser fácil.

Todo o povo se juntou, com muitos "mimos" para a professora e eu senti a amizade e o agradecimento que emanava dos corações daquela boa gente. Senti, nessa altura, que a "missão" a que me propusera tinha dado os seus frutos. A partida foi difícil, emotiva e o sentimento do dever cumprido enchia o meu coração. Era a hora do adeus. O trabalho aqui iniciado foi continuado noutras paragens com outras gentes e com o mesmo empenho para dar continuidade ao meu sonho.

Isabel Barroso Carrilho





# A solidariedade social no século XXI: o caso dos professores

O século XXI está a ser dominado e provavelmente assim vai continuar pela sucessão de rápidas e inesperadas mudanças geradoras de incerteza.

Os modelos de análise social e a formulação das consequentes políticas sociais do século XX que sempre valorizaram a solidariedade, tornando-a um direito, estão a perder sentido num mundo globalizado e incerto e a serem capturadas pelas ideologias iliberais que sobrepõem o espírito mercantilista ao humanismo. A Europa, se não quiser perder a matriz humanista que a tem caracterizado, terá de proceder à adaptação das novas propostas, humanizando-as nas suas intenções. Como tem sido enfatizado, o caminho para o desenvolvimento no espaço europeu tem de assentar na «valorização da unidade pela diversidade» como é apanágio das sociedades abertas, o que condiciona também a solidariedade social, o que significa valorizar as diferentes identidades e os diferentes estilos de vida de modo a que a resolução dos problemas sociais se faça de forma integrada e justa, através da partilha de realidades, culturas e ideologias.

Na verdade, a globalização arrastou consigo um tipo de economia que cria sociedades avessas à promoção da solidariedade e da justiça social. Os princípios teóricos, bem como os valores dominantes no século XX não sobrepunham os aspectos económico-financeiros ao desenvolvimento humano. Pretendia-se, através da aceitação da dualidade social, desenvolver e manter um modelo social solidário que, através de generosas políticas sociais, garantisse a solidariedade como um direito, substituindo-a à caridade, corrigindo as desigualdades forçosamente provocadas pela criação de riqueza através dos modelos capitalistas liberais, permitindo a todos e sobretudo aos excluídos a possibilidade de uma vida digna e o acesso a apoios sociais em todas as fases da vida.

As novas sociedades capitalistas iliberais saídas das recentes crises financeiras assumem que este modelo social e solidário está desatualizado face às contingências e exigências globalizantes.

Na verdade, a crise que acabámos de viver atingiu as democracias, sobretudo as europeias, potenciando desigualdades, promovendo a austeridade, facilitando o desemprego, diminuindo o valor do trabalho e concomitantemente levando os Estados a desinvestir nas políticas sociais, invertendo a relação entre o económico e o social, criando pobreza e sofrimento no presente e incerteza face ao futuro.

Como se posicionam os professores face a esta nova realidade? Que problemas atingem globalmente a profissão? Quais as consequências a nível individual deste binómio profissão- vida pessoal? Quais as necessidades económico sociais nas diferentes fases da vida do professor? Que respostas não encontram nos apoios formais tradicionais, Estado, sindicatos, estruturas reivindicativas? Que resposta pode ser dada a nível da intervenção solidária ao professor jovem, desempregado, com emprego precário, deslocado, com exíguos recursos financeiros? Que resposta solidária pode e deve ser dada ao professor em burnout? Que resposta solidária deve ser dada ao professor idoso, ou jovem, em situação de pobreza, desamparo ou solidão? Que resposta pretende o professor desejoso de viver um envelhecimento activo?

**QUAL DEVE SER O PAPEL DA ASSP NESTE NOVO ENQUADRAMENTO SÓCIO-POLÍTICO?**

É a estas e a outras perguntas que se pretende responder na Conversa ASSP, que ocorrerá durante o mês de Abril, na ESE do Porto, promovida pela DN, com o apoio da Comissão Administrativa da delegação do Porto.

Para inscrições  
ou informações  
contacte  
218 223 080 ou  
filipafaria@assp.pt

**PREÇO POR PESSOA EM QUARTO DUPLO**

PARA ASSOCIADO <b>ASSP</b>	NÃO ASSOCIADO
<b>1 460€</b>	<b>1 488€</b>

Mínimo 25 participantes

**SUPLEMENTOS** - Quarto individual - 240€

**Serviços incluídos:**

- Passagem aérea, taxas de segurança, aeroporto e combustível;
- Assistência e transporte dos aeroportos aos hotéis e vice-versa;
- Estadia de 9 noites em hotéis de 5\* / 4\*;
- Pensão Completa, num total de 18 refeições (inclui uma garrafa de água por pessoa);
- Visitas acompanhadas por guia local em português durante todo o circuito;
- Acompanhamento OASIS durante toda a viagem de/até Lisboa;
- Todas as visitas e entradas nos monumentos;
- Taxas hoteleiras, de turismo, serviço e IVA à taxa em vigor;
- Seguro de viagem Especial OASIStravel.

**Serviços não incluídos:**

- Tudo o que não esteja como incluído de forma expressa, como sejam despesas de carácter particular designados como extras: lavandaria, telefonemas, bebidas às refeições para além da água, etc...

**Documentos Necessários:**

(para cidadãos de nacionalidade portuguesa)  
Cartão de Cidadão ou Passaporte individual válido

**Marque já  
a sua Viagem  
Inscrições  
até 6 de Abril**



## CIRCUITO BULGÁRIA & ROMÉLIA 7 a 16 Agosto 2018

10 Dias em Pensão Completa visitando os expoentes culturais e monumentais destes 2 países: a zona dos Cárpatos; os magníficos mosteiros e igrejas de Bucóvina que a Unesco classificou como Património da Humanidade; o Castelo de Bran (ou do Conde Drácula) entre a Transilvânia e a Valáquia e a primeira capital desta última; Fortaleza de Sighisoara protegida pela Unesco; Piatra Neamt, antiga capital da Moldávia; Castelos de Sinaia e Peles; Mosteiro de Rila; e muito mais...

**1º DIA** • 07 Agosto - LISBOA / SÓFIA

**2º DIA** • 08 Agosto - SÓFIA/ RILA / SÓFIA

**3º DIA** • 09 Agosto - SÓFIA/ PLOVDIV/ VELIKOTARNOVO

**4º DIA** • 10 Agosto - VELIKOTARNOVO/ RUSE/ BUCARESTE

**5º DIA** • 11 Agosto - BUCARESTE/ CURTEA DE ARGES/ SIBIU

**6º DIA** • 12 Agosto - SIBIU/ SIGHISOARA/ BICAZ / LACU ROSU/ROMAN

**7º DIA** • 13 Agosto - BUCOVINA

**8º DIA** • 14 Agosto - ROMAN/ONESTI/ BRAN/BRASOV

**9º DIA** • 15 Agosto - BRASOV/ SINAIA/ BUCARESTE

**10º DIA** • 16 Agosto - BUCARESTE/ LISBOA



# A Flor da Vida

Em crenças ancestrais, acreditava-se que havia uma Divindade no Cosmos. Essa Divindade continha, em volta de si, um círculo que representava o seu conhecimento.

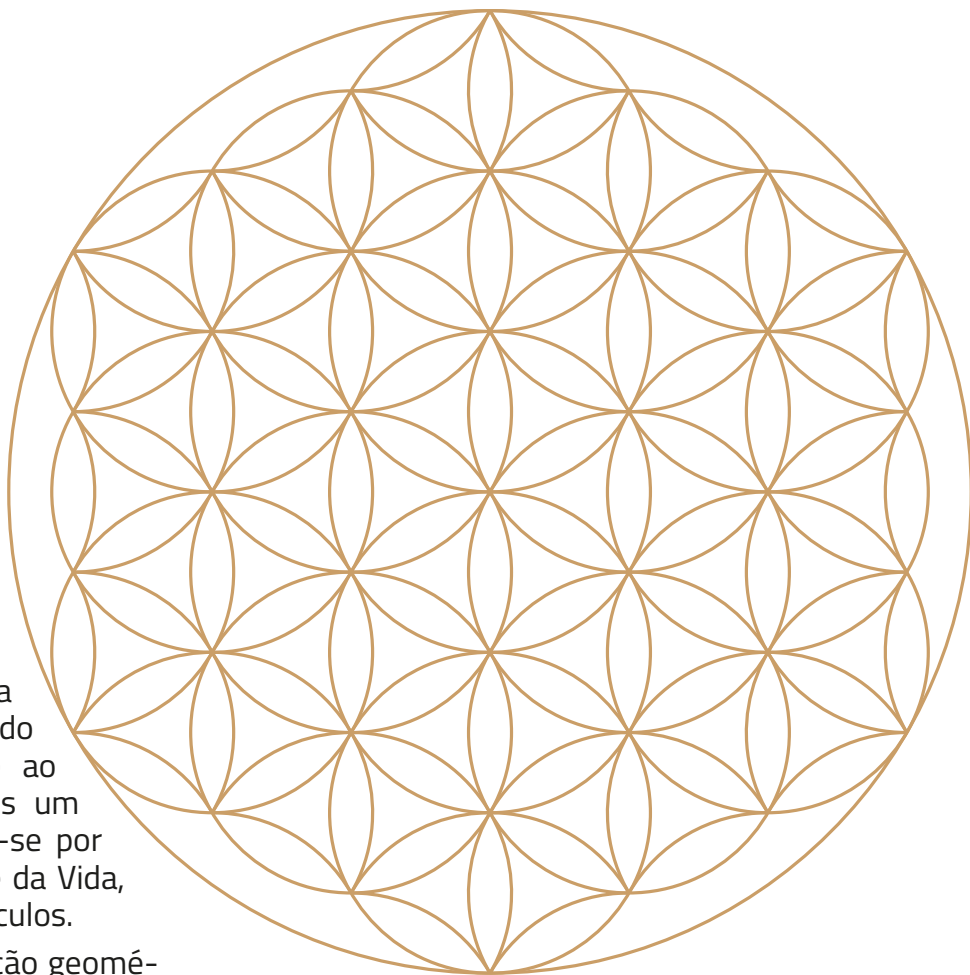
Quando essa Divindade desejava expandir a sua consciência, além do círculo inicial, movimentava-se até ao extremo desse círculo, criando mais um círculo no seu entorno. Isso repetia-se por seis vezes, dando origem à Semente da Vida, que era, assim, composta por sete círculos.

A "Semente da Vida" é uma construção geométrica formada por sete círculos colocados com simetria sêxtupla, constituindo um padrão de círculos que actua como uma componente básica da construção da "Flor da Vida".

Pela sua forma a "Semente da Vida" simboliza os Sete dias da Criação nos quais Deus criou a Vida.

A figura criada por Leonardo da Vinci, "**As proporções mágicas do Homem**", representa também o mundo físico e o mundo espiritual, correspondendo o Quadrado ao sólido e ao físico e o Círculo ao eterno e espiritual.

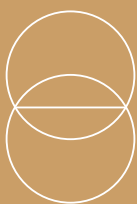
Retornando à Semente da Vida como o símbolo que representa os sete dias da Criação, vejamos como se atinge essa figura a partir dos 7 círculos: o primeiro círculo representa o primeiro dia da Criação, com a construção do segundo círculo



acredita-se ficar presente a figura da Vesica Piscis, uma figura que simboliza o útero cósmico da Criação, seguido de uma esfera adicionada em cada dia subsequente, até todas as sete esferas construírem, no sexto dia da Criação, a Semente da Vida.

A construção geométrica da **Flor da Vida** encontra-se representada nos templos e monumentos mais antigos da história da Humanidade, encontra-se nos tectos do Templo de Osíris, em Abidos, no Egito, em Massada (Israel), no Monte Sinai, no Japão, China, Índia, Espanha, entre muitos outros lugares da Terra.

*Arquitecto José Augusto Rodrigues  
Associado n.º 19407*



1º Dia da Gênesis



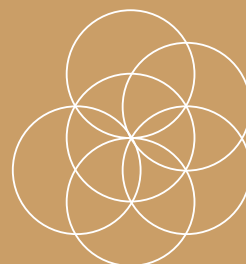
2º Dia da Gênesis



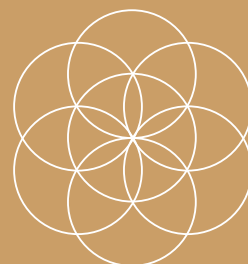
3º Dia da Gênesis



4º Dia da Gênesis



5º Dia da Gênesis



6º Dia da Gênesis  
Flor da Vida



# MEIO SÉCULO DEPOIS

Decorria o ano de 1962 e na Escola dos Quatro Caminhos da freguesia da Boa Hora o Prof. Júlio Augusto Ramos (natural de Vilas Boas, concelho de Vila Flor) recebia uma turma que, durante quatro anos acompanharia, orientando estas crianças na descoberta das veredas do conhecimento e no desenvolvimento das suas marcas de personalidade. No ano de 1966, cada um seguiu seu rumo (terminada a escolaridade básica).

Meio século depois, um dos alunos, de então, estabeleceu contacto com os outros e juntos quiseram homenagear o seu primeiro Professor.

Vieram e trouxeram consigo o Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Vila Flor, o Presidente do Agrupamento de Freguesias da Boa Hora e S. Mamede de Infesta e o Secretário de Estado da Educação Dr. João Marques da Costa que se quiseram associar a esta homenagem que será complementada com a atribuição do nome do homenageado a uma rua da terra onde lecionou. Vieram e foram acolhidos nesta Casa dos Professores de Setúbal, onde reside o Professor desde 2003 com sua mulher, numa união que já dura setenta e cinco anos, sendo que ele já conta 103, perfeitamente lúcidos.

A R.T.P. filmou e reportou este evento.

Na pessoa do Prof. Júlio Augusto Ramos, todos nós professores nos sentimos honrados, pelo gesto nobre e muito bonito, reflexo de memória grata que, por igual, enaltece quem o promoveu e quem o mereceu.



Turma 1962-1966



Os mesmos em 2017



Casal Júlio Ramos e Virgínia Sil



# De Braços Abertos



Por aqui passaram Túrdulos (ou Turdetanos)? – quem poderá hoje ter a certeza de que outras tribos, outros povos por estas serranias, que nos envolvem, se instalaram e se guerrearam?

Fala-se de Viriato. E aqui também surge a dúvida, havendo mesmo quem garanta que, a ter existido alguém com esse nome, por aqui se tenha demorado, e não apenas no vale do Tejo, mas no Alentejo e, principalmente, na Estremadura Espanhola e na Andaluzia. Mas também aí quantos povos, linguagens e deuses se sucederam antes que os Visigodos ocupassem esta terra, então romana, e a cristianizassem ao mesmo tempo que uniformizavam a Península?

Vieram os Árabes que, segundo reza a história, durante muito tempo não conseguiram estabelecer-se nas serranias da antiga Lusitânia, na região de Viseu.

Nos finais da Idade Média, é Viseu uma das cidades mais importantes do reino – capital sempre que el-rei e sua gente se instalavam. Aqui nasceu o douto D. Duarte, filho da inglesa Leonor de Lancastre e do rei D. João I que logrou finalmente ter um reinado próspero e culto, sendo a sua corte lugar de permanência de sábios e



artistas e exemplo de bons costumes, que assim o exigia a rainha. Duque de Viseu foi D. Henrique, o das navegações, depois seu sobrinho, o infante D. Fernando de memória triste, já que vítima da

justiça de seu primo e cunhado, el-rei D. João II; depois, novamente um sobrinho que viria a ser rei D. Manuel I, o de Boa Ventura, já que no colo tudo pareceu cair-lhe.

Entre topadas e tropeções, chegamos aos dias de hoje. Os visitantes encontram uma cidade aprazível e acolhedora, cheia de flores e habitada pelos descendentes de todas essas gentes que por aqui passaram, hoje já não transformados no beirão duro e façanhudo que Aquilino Ribeiro tão bem retratou.

Venham, pois, os visitantes que esta gente saberá recebê-los com galhardia e de braços abertos.

*Luzia Henriques*





## Convocatória (AOS DELEGADOS)

Para cumprimento do disposto na alínea b1 do n.º 2 do Artº 31º dos Estatutos da ASSP, convocam-se os Delegados para uma Reunião Ordinária da Assembleia Nacional de Delegados, a realizar no dia 24 de Março de 2018, pelas 10.00, no Auditório da Escola Secundária Pedro Nunes, sita na Av. Álvares Cabral, 1269-093 Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- Apreciação e votação do Relatório de Gestão e Contas do ano de 2017.

Se à hora marcada não estiverem presentes ou representados mais de metade dos Delegados, fica a mesma marcada para meia hora depois, no mesmo local, com qualquer número de presentes.

O Presidente da Mesa da Assembleia Nacional de Delegados  
*Miguel Vilhena*

## Convocatória (AOS ASSOCIADOS)

Para cumprimento do disposto na alínea c do n.º 1 do artº. 51º dos Estatutos da ASSP, convocam-se as Reuniões das Assembleias de Associados para definição das linhas de orientação a seguir pelos Delegados na reunião da Assembleia Nacional de Delegados marcada para 24 de Março de 2018, em Lisboa.

Se à hora marcada não estiverem presentes mais de metade dos associados da Delegação, fica a mesma marcada para meia hora depois, no mesmo local.

Os Presidentes das Delegações

Delegação	Data	Hora	Local
Açores	19/03/2018	15h00	Sede da Delegação
Algarve	20/03/2018	15h00	Sede da Delegação
Aveiro	19/03/2018	15h00	Sede da Delegação
Beja	21/03/2018	15h00	Sede da Delegação
Coimbra	20/03/2018	16h30	Sede da Delegação
Évora	20/03/2018	16h30	Sede da Delegação
Guimarães	20/03/2018	18h00	Sede da Delegação
Leiria	20/03/2018	15h00	Sede da Delegação
Lisboa	20/03/2018	14h30	Sede da Delegação
Madeira	20/03/2018	17h00	Sede da Delegação
Portalegre	22/03/2018	17h30	Sede da Delegação
Porto	20/03/2018	14h30	Sede da Delegação
Santarém	23/03/2018	16h00	Sede da Delegação
Setúbal	21/03/2018	17h00	Sede da Delegação
Viseu	20/03/2018	16h30	Sede da Delegação



ASSOCIAÇÃO DE SOLIDARIEDADE SOCIAL  
DOS PROFESSORES

Nós participamos na campanha  
de **Consignação de 0,5% do IRS!**  
**Contamos consigo!**



Ao preencher a sua declaração de IRS  
aceda ao Quadro **11**, no Campo **1101** selecione  
**Instituições Particulares de Solidariedade Social**  
e insira número de contribuinte da **ASSP**

**501 406 336**

Preencher Declaração

Assp

Anexos ▾ Rosto

Gravar Validar Simular Ajuda Imprimir Entregar →

0 Início

1 Serviço de Finanças da Área...

2 Ano dos Rendimentos

3 Nome do Sujeito Passivo

4 Estado Civil do Sujeito Passivo

5 Opção Pela Tributação Conjunta

6 Agregado Familiar

7 Ascendentes e Colaterais

8 Residência Fiscal

9 Reembolso por Transferência

10 Natureza da declaração

**11 Consignação de 0,5% do IRS**

13 Prazos Especiais

11 Consignação de 0,5% do IRS / Consignação do Benefício de 15% do IVA Suportado

Entidades Beneficiárias

1101 ☐ Instituições religiosas (art.º 32.º, n.º 4, da Lei n.º 16/2001, de 22 de junho)

1101 ☒ Instituições particulares de solidariedade social ou pessoas coletivas de utilidade pública (art.º 32.º, n.º 6, da Lei n.º 16/2001, de 22 de junho)

1102 ☐ Pessoas coletivas de utilidade pública de fins ambientais (art.º 14.º, n.ºs 5 e 7, da Lei n.º 35/98, de 18 de julho)

1103 ☐ Instituições culturais com estatuto de utilidade pública (art.º 152.º do CIRS)

NIF

501406336

☒ IRS

☐ IVA

T: 218 155 466 · info@assp.pt · www.assp.pt · Largo do Monte, 1 - 1170-253 Lisboa



/assp.pt/



/company/assprofessores/